

## **Narcisismo contemporâneo em aplicativos de relacionamento: uma perspectiva psicanalítica.**

**Gabriela de Araújo Bezerra**

Estudante de Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde

**Patricia Cristine de Farias Guedes Wanderley**

Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde, Orientadora

**Anna Barreto Campello Carnevalheira Chaves**

Doutora em Psicologia Clínica, Co-orientadora

**RESUMO:** No século XXI, os aplicativos de relacionamento têm influenciado nas novas formas de se relacionar, suscitando nos sujeitos um movimento de atualização do narcisismo, no qual estes se apoiam e encontram vias de escolhas dos parceiros. O presente estudo busca compreender como estudantes universitários utilizam apps de relacionamento, examinando como o narcisismo se apresenta nas escolhas dos perfis. De caráter qualitativo, a pesquisa foi realizada com 10 estudantes de uma Instituição de Ensino Superior Privada da cidade do Recife. As entrevistas semiestruturadas foram tratadas a partir da Análise de Conteúdo de Minayo e analisadas sob a perspectiva Freud-Lacanian, resultando em três categorias: Traços auto valorativos; Imagem virtual X Imagem real da outra pessoa; e Repetição dos padrões das escolhas dos perfis. Conclui-se que o narcisismo é, muitas vezes, o ponto de partida para a busca de parceiros em aplicativos, nos quais estes fazem escolhas a partir de seu próprio referencial.

**Palavras-chaves:** Narcisismo; Aplicativos móveis; Psicanálise; Internet.

### **Contemporary narcissism in relationships apps: a psychoanalytic perspective.**

**Abstract:** In the 21st Century, the relationship apps have influenced new ways of relating, stimulating in the subjects a narcissism update movement, which they find support when are about to choose a partner. Based on this, the purpose of the present study is to understand how university students use relationship apps, analyzing how narcissism presents itself in profiles choices. From the qualitative character, the study was realized with 10 students of a Higher Education Institution in the city of Recife. The semi-structured interviews were based on Minayo's Content Analysis by the Freud-Lacanian Psychoanalysis perspective, which resulted in three categories: Self-evaluative traits; Virtual image X Real image of the Other; and Repetition of patterns for choosing profiles.

In conclusion, narcissism is, in most part, the initial point for choosing partners on relationship apps, in which people make choices based on your own reference.

**Key-words:** Narcissism; Mobile apps; Psychoanalysis; Internet.

### **Narcisismo contemporáneo en aplicaciones de citas: una perspectiva psicoanalítica.**

**Resumen:** En el siglo 21, las aplicaciones de citas han influido en nuevas formas de relacionarse, estimulando movimientos de actualización del narcisismo, en que se puede apoyar y encontrar formas de elegir parejas románticas. El presente estudio tiene como objetivo comprender cómo los estudiantes universitarios usan aplicaciones de citas, examinando cómo se presenta el narcisismo en las opciones de perfil. De carácter cualitativo, el estudio se realizó con diez estudiantes de una Institución de Enseñanza Superior Privada de la ciudad de Recife. Las entrevistas semiestructuradas fueron tratadas desde el Análisis de Contenido de Minayo, en la perspectiva Freud-Lacanian, resultando tres categorías: Trazos autoevaluativos; Imagen virtual X Imagen real del otro; y Repetición de normas de opciones de perfil. En conclusión, el narcisismo es, muchas veces, el punto de partida para la búsqueda de parejas románticas en las aplicaciones, en que se toman decisiones basadas en su propio referencial.

**Palabras clave:** Narcisismo; Aplicaciones móviles; Psicoanálisis; Internet.

## **Introdução**

O homem, por ser um animal social e histórico, necessita viver em sociedade para se integrar à cultura e o meio que habita, bem como formar laços e relações importantes à sua sobrevivência. Tais aspectos, além dos fatores de espaço, tempo e lugar, são introduzidos no homem por meio dos códigos e símbolos que este aprende desde que nasce, ou seja, da linguagem, sendo esta, o instrumento por meio do qual ele se constrói enquanto sujeito humano e se situa no momento histórico-social em que vive (Nascimento, 2014).

No século XX, Debord falava de uma sociedade do espetáculo, onde permeiam as ilusões e falta o natural, o autêntico e o espontâneo, a ponto que a realidade se transforma em encenação. Essa ideia compactua com a noção moderna de indivíduo: “um ser humano integralmente constituído em unicidade e particularidade, que possui desejos individuais em oposição aos ditames sociais” (Melo & Toledo, 2012, p. 2). Tais acontecimentos foram modificando a noção de sujeito e sua vivência histórico-social, bem como a subjetividade e as relações estabelecidas no decorrer das décadas. Foi assim que Bauman viu surgindo o que veio a chamar de relações líquidas, ou seja, um conceito baseado em relações frequentes e intensas, porém, que ocorrem em um breve período de tempo. A ideia central é se conectar sem se comprometer, o que exigirá menos tempo e esforço dos sujeitos, que entram nessas relações “pelo que cada um pode ganhar” e perduram apenas enquanto “ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma, satisfações suficientes para permanecerem na relação” (Bauman, 2004, p. 79).

Também para Bauman (2004, p. 80), tal modelo de relacionamento denota “uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade” nos laços que são construídos na sociedade líquida, e se diferem muito do tipo de relação que era construída há alguns séculos, ditas como mais firmes e concretas. Assim, a forma de se relacionar muda, e as pessoas estão cada vez mais focadas em ter vínculos leves e simples, que não irão demandar muito delas, e que também não prometem durar muito mais do que o necessário, sem causar-lhes demasiados problemas.

Esses tipos de relações ganham força quando se trata do meio digital, da internet, onde ocorrem a maioria das conexões. Assim diz Sousa (2004, p. 78): “A internet traz uma mudança fundamental: a possibilidade de pessoas, organizações comunitárias, movimentos sociais, grupos de comunicadores etc., tornarem-se usuários ativos,

emissores de conteúdo, de maneira ilimitada e sem controle, por parte dos canais tradicionais da mídia [...]”.

Algo que a internet traz consigo é a possibilidade de, assim como conectou usuários, desconectar com a mesma facilidade. Pode-se observar esta realidade principalmente em aplicativos de relacionamentos. Entende-se aplicativos como “ambientes [virtuais] onde o processo acontece” (Côrtes & Moura, 2015, p. 3), entendendo esse processo como o de localização de pessoas para encontros. Também para essas autoras, essa ferramenta tem a função de juntar perfis com interesses comuns por meio de cruzamento de informações, minimizando as possibilidades de um encontro desfavorável e visando facilitar a conquista.

Torna-se, então, mais fácil entrar e sair de relacionamentos, de encontrar seu parceiro ideal, de simplesmente dessintonizar quando não está sendo mais interessante ou interromper a conversa com o outro se assim quiser. A fluidez de mensagens e o fluxo de palavras constantes é, para Bauman (2004), o que mantém a união entre os parceiros, sendo assim, se ocorrer o silêncio, o contato acaba e os laços são automaticamente desfeitos.

Dessa forma, há, possivelmente, implicações nas escolhas de parceiros amorosos desde as operações de separação e alienação responsáveis pela constituição do sujeito. Diante da inicial alienação e posterior separação do sujeito ao outro, ele introjeta uma falta que adveio da tentativa-fracasso de ser o desejo do Outro. Ao ser barrado por um terceiro e ser forçado a uma separação, esta falta tentará ser compensada com seu próprio eu, ou seja, o sujeito tentará suprir-se consigo mesmo, com os atributos que possui até então, mesmo que este eu ainda não esteja completamente formado. Assim como nos esclarece Bruce (1998): “o sujeito tenta desenterrar, explorar, alinhar e conjugar essas duas faltas [...] a fim de preenchê-las com seu self” (p. 76).

Assim, o sujeito pode vir a procurar no outro as mesmas características que possui em si, e então percebe-se o narcisismo entrando em cena. Para Freud (2010), narcisismo é entendido como a conduta em que o “indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual” (p. 10), bem como parte constitutiva da subjetividade de cada um, que “poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindica um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano” (p. 10). Partindo-se disso, o narcisismo é compreendido como um momento importante para a construção do próprio self. Dessarte, o sujeito, então, dirige sua energia sexual para si ao invés de direcioná-la para o meio externo, para o outro, evitando lidar com as imperfeições alheias, procurando

alguém que espelhe suas próprias qualidades. Aqui é possível falar também de um “Eu ideal”, onde o sujeito “se acha de posse de toda preciosa perfeição” (p. 27), e direciona a si mesmo o amor que recebeu na infância. Ele é seu próprio ideal e procura nos outros suas qualidades e características, sendo incapaz de renunciar à satisfação que desfrutou durante seu desenvolvimento.

A partir disso, a presente pesquisa busca compreender como estudantes universitários utilizam apps de relacionamentos visando examinar como o narcisismo se apresenta nas escolhas dos perfis. Como objetivos específicos, busca identificar a presença de traços auto valorativos em usuários de aplicativos de relacionamento; analisar de que forma as relações surgidas nos aplicativos são afetadas por algum modo de repetição nas escolhas; examinar as relações realizadas entre o ideal que o sujeito tem de si com o ideal das escolhas dos perfis e analisar a linguagem utilizada pelos usuários e a escolhas dos perfis, no intuito de compreender como estas se dão.

## **Método**

Este foi um estudo realizado de abordagem qualitativa sob a perspectiva de Minayo (1994), e “se preocupa com [...] o que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (pp. 21-22), etc. Nesse sentido, o projeto busca captar os fenômenos que acontecem no ambiente digital de aplicativos de relacionamento. A coleta de dados foi realizada de maneira online pela plataforma Google Meets, em razão da necessidade de distanciamento social estabelecido pela pandemia do COVID-19. As entrevistas aconteceram em horários e datas pré-agendadas, com duração máxima de 25 minutos, tendo sido gravadas e transcritas na íntegra.

Como instrumento de coleta, a pesquisadora utilizou-se de entrevista semiestruturada aplicada no total de 10 participantes, em que a quantidade foi definida por saturação. Foram consideradas aptas pessoas acima dos 18 anos que estavam utilizando algum aplicativo de relacionamento, sendo esse o critério de inclusão, devido as regras dos aplicativos permitirem apenas usuários maiores de idade. Foram entrevistados tanto homens quanto mulheres – 2 e 8 respectivamente, no entanto, tal característica não interferiu nos resultados – que serão identificados ao longo do texto por letras (entrevistado A, entrevistado B, entrevistado C...) de acordo com a ordem das entrevistas.

As perguntas buscavam compreender como se deu a experiência do usuário nos aplicativos de relacionamento, focando em elementos como: repetição das escolhas, expectativas com o *match*, destaque de traços auto valorativos, entre outros.

Em relação a análise de dados, foi realizada segundo a Análise de Conteúdo na Modalidade Temática de Minayo (1994), em que foram seguidos os seguintes passos: 1- leitura flutuante; 2- revisita ao material coletado com identificação e seleção das categorias temáticas a partir do discurso; 3- categorização e subcategorização do material e 4- análise do conteúdo utilizando-se do referencial teórico da Psicanálise em sua orientação Freud-Lacaniana.

Ressalta-se que a pesquisa obedeceu aos procedimentos éticos de acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovada (CAAE: 47796721.80000.5569) pelo Comitê de Ética. Todos os participantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e as entrevistas foram iniciadas somente após a leitura do TCLE e consequente concordância e assinatura.

## **Resultados e Discussão**

Os resultados apresentados são frutos das entrevistas e ressaltam os pontos mais relevantes sobre as experiências dos entrevistados em aplicativos de relacionamentos, no que tange ao narcisismo presente na escolha dos perfis. Após a análise, foram consideradas mais significativas as três categorias elencadas a seguir: Traços auto valorativos; Imagem virtual X Imagem real da outra pessoa; e Repetição dos padrões das escolhas dos perfis.

### **Traços auto valorativos**

Narciso, conhecido personagem da mitologia grega, filho de Cefiso e Liríope, inspirou o chamado “Mito de Narciso”. Segundo o mito, Narciso teria vida longa desde que nunca contemplasse seu próprio rosto. O jovem era um rapaz de beleza estonteante, cobiçado por todos, que esbanjava desprezo e orgulho e não se interessava por ninguém. Várias ninfas lhe desejavam e se apaixonavam por sua imagem.

Um dia, ao sentir sede, procurou um lago e debruçou-se sobre ele, enxergando sua própria imagem refletida sobre as águas. Sentiu-se seduzido por si mesmo, apaixonando-se por seu reflexo. Ao tentar pegar a pessoa que via no lago, afundou-se e morreu (QUINET, 2012). Sua imagem passou então a ser sinônimo de vaidade, visto o enamoramento demasiado por si próprio que o levou a morte.

Já no século XX, Freud utiliza-se do mito e em 1914 escreve “Introdução ao narcisismo”, texto que se mantém atual até os dias contemporâneos.

Em seus escritos, Freud compreende o narcisismo como uma fase do desenvolvimento libidinal, em que no chamado “narcisismo primário”, há um investimento maior voltado para o Eu. Neste período, o amor depositado na criança é fruto de toda a idealização e sonhos de seus pais, que estes não puderam ou não conseguiram cumprir, chegando até mesmo a suprimir as imperfeições, direcionando ao filho toda sua expectativa e atribuindo-lhe a perfeição, “His Majesty, the Baby” (p. 25). A criança nascerá para ser considerada herdeira do império de seus pais e deverá ser imune ao sofrimento e admoestações comuns aos seres humanos. A ela será atribuída qualidades advindas de sua história parental e conseqüentemente viverá de forma alcançar as expectativas que eles lhe depositaram. Tais expectativas costumam ressaltar traços genealógicos e narcísicos que outra pessoa não seria capaz de identificar (FREUD, 2010).

Nos perfis de aplicativos de relacionamento, os usuários atualizam o narcisismo primário quando escolhem mostrar apenas suas qualidades, suas melhores fotos em seus melhores ângulos, escondendo os defeitos que venham a existir. Essa ideia aparece na fala da entrevistada A, quando ela diz: “eu escolhi fotos nas quais eu me acho bonita. Como eu não tenho muitas fotos eu escolhi realmente as que eu acho mais bonita e coloquei”. A entrevistada E referindo-se aos perfis nos aplicativos, diz: “parece que quanto mais características você coloca, mais você tipo, chega perto da perfeição”; e a entrevistada F complementa: “eu pegava minhas melhores fotos (rindo) [...] Tipo assim, querendo ou não, a pessoa de início só vai falar as coisas boas, né, claro”.

Além disso, as próprias características também podem ser usadas como referência para o que se busca no outro. Sobre isso, Freud relata que “uma pessoa ama: conforme o tipo narcísico: a) o que ela mesma é (a si mesma); b) o que ela mesma foi; c) o que ela mesma gostaria de ser [...]” (2010, p. 24). Em um jogo de conquista virtual, o narcisismo está sempre em cena, mesmo que inconscientemente, seja na atração por quem se parece com quem procura; seja na rejeição por aquele que tem justamente os mesmos defeitos. Isto significa dizer que as pessoas geralmente sentem satisfação em se ver refletido no outro – ao menos suas qualidades –, tal qual narciso ficou encantado ao ver seu reflexo no lago. Seria como receber uma espécie de validação de si encontrando sua melhor versão no parceiro amoroso. Pois, como diz Rios (2008, p. 422), “quem nunca encontrou, alguma vez na vida, aquela pessoa perfeita que faz o coração pular de alegria?”. Corroborando com essa ideia, as entrevistadas C, H e F (respectivamente) entregam:

“Aí você vai vendo se você tem o mesmo interesse, tem o mesmo gosto musical ou não, né? eu também busco através dos meus interesses. Eu vou fazendo esse filtro a partir do meu “eu””.

e que compartilhe de similaridades, né, comigo, que você veja que seja uma pessoa que goste de ir pros mesmos lugares que eu gosto [...]. Sinceramente, nunca tem ninguém que goste assim das coisas que eu gosto né, mas é o que a gente procura

eu normalmente me interesso por pessoas que tem características familiares, que nem eu. [...] algo que eu goste em mim, né, porque tem coisa que eu não gosto em mim, eu também não vou querer, né (risos). Porque aí já é difícil eu conviver com essas coisas que eu não gosto em mim, aí eu não vou querer alguém parecido né.

Aqui, cabe lembrar e remeter ao que psicanaliticamente conhece-se por “eu ideal” e “ideal do eu”, conceitos usados para expressar as expectativas narcísicas dos pais em relação aos filhos em contrapartida àquilo que é possível ao sujeito ser e realizar, respectivamente. Ainda sob o olhar do narcisismo primário, o eu ideal, fundado no início do período do desenvolvimento, é o ponto de partida para a busca de parceiros nos aplicativos, já que este é o “eu” que está em posse de todas as possibilidades que a vida pode oferecer, aquele que deve ser investido e que possui qualidades para tal (Rodrigues, Silveira & Correa, 2020; Nasio, 1997).

Pois, como disse Freud (2010), o sujeito, quando perturbado pelo próprio julgamento crítico, percebendo sua impotência e que possui características das quais ele não se agrada, se percebe incapaz de reter a perfeição desfrutada na infância, assim, irá em busca de tentar recuperá-la sob a forma de um eu ideal.

### **Imagem virtual x Imagem real da outra pessoa**

Os usuários de aplicativos de relacionamento, num primeiro momento, tendem a criar uma imagem do parceiro de acordo com o que veem exposto nos perfis. Essa imagem, no entanto, pode não condizer com a realidade, visto que está baseada no que o outro escolhe dizer e mostrar sobre si. É comum, então, criarem-se expectativas a partir do que se espera que o outro tenha ou seja, com base, mais uma vez, no seu próprio eu.

No que se refere a questão de a imagem do perfil ser diferente da pessoa com quem os usuários encontram, os entrevistados responderam:

Entrevistada G: “caso eu não estivesse gostando ou a pessoa fosse diferente ou alguma coisa do tipo, eu arrumaria um jeito de ir embora, se nao descer sabe? Se não bater.”

Entrevistada E: “não ia pra frente não, digamos assim, tipo, em nenhum sentido sabe? Amizade, essas coisas.”

Entrevistada D: “eu não conseguiria realmente render aquilo depois de um... depois daquele encontro. Eu ia pensar “meu deus que pessoa estranha é essa? Eu não conheço essa pessoa, eu conheço a versão virtual dessa pessoa”.”

Entrevistado B: “você fica um pouco nervoso porque tipo, o que te atraiu, os motivos que te levaram a se encontrar com a pessoa, e gostar da pessoa já não tão ali, sabe? Foi tipo algo que é só mentalmente.”

Nos fragmentos coletados, percebe-se que quando ocorreu o *date* – isto é, quando se conheceram pessoalmente –, os entrevistados demonstraram frustração nos encontros em que as diferenças foram marcantes, chegando a não aceitar continuar o vínculo, mesmo que se tratasse de uma amizade, como citou E. Esse comportamento corrobora com a ideia de relações líquidas de Bauman (2004), em que, na modernidade, os relacionamentos tendem a não durar mais que o necessário e apenas enquanto for vantajoso para uma das partes. Os entrevistados parecem não estarem dispostos a levar a frente a relação, diante da aparente disparidade entre a imagem virtual e a imagem “real” do pretendente. Assim, ao não desejar mais dar continuidade, encerra-se o contato e consequentemente, o vínculo.

Dessa maneira, o entrevistado B remete ao seu imaginário sobre o parceiro(a), quando diz que foi “algo que é só mentalmente”. Pode-se influir, com essa fala, que B admite ter criado uma imagem do outro, e que ao ter se encontrado, surpreendeu-se por não ser exatamente aquilo que esperava, perdendo assim o sentido do encontro nesta relação dual, entre o sujeito e o outro. Sentido este que, para Jorge (2008), é aquilo que constitui o registro imaginário. Surgiria então a pergunta: ora, por que então continuar se o outro não me reflete?

A partir desses recortes, evidencia-se a queda do eu ideal e a frustração se manifesta de diferentes formas nas falas dos entrevistados. Ou seja, aquela autoimagem projetada sobre o outro de um ser repleto de qualidades, fruto do período narcísico desfrutado na infância não se sustentou no encontro presencial.

E assim a entrevistada J expôs: “Não curtia tanto, “poxa, saí de casa pra isso (?)” (risos)”. O uso do “isso” para se referir ao encontro ou a pessoa com quem encontrou, leva-nos a pensar na possibilidade de reduzir o outro a um status de coisa, demonstrando mais uma vez a rapidez e a fluidez das relações.

### **Repetição dos padrões das escolhas dos perfis**

A escolha dos(as) parceiros(as) nos aplicativos se dá de forma muito peculiar, de modo a considerar os aspectos subjetivos de cada um, suas preferências, hobbies e gostos pessoais, como já citado no texto. Sobre esse tema, os entrevistados relataram perceber algumas repetições em suas escolhas, seja pela frequência com as quais escolhiam as pessoas com características similares, seja pela escolha aparentemente “sem sentido” ou arbitrária dos parceiros.

As seguintes falas expressam a percepção dos entrevistados sobre preferirem perfis que diferem de si. Nesse sentido, D explica: “E dava mais like em mulheres... que tinham um... uma imagem estética diferente da minha.”; a entrevistada E ratifica: “Eu descobri que eu dei match com pessoas nada parecidas [...] entre elas, tipo, comigo, tipo, dependia muito, sabe?... uma é super alta, outra é bem baixinha. Uma é loira, outra é morena”. O entrevistado I também diz:

Eu acho que tem características específicas que me chamam atenção. Por exemplo, isso aí fala um pouco de mim, eu acho que o estilo da pessoa quando é diferente ou quando me capta de alguma forma, eu acho que isso chama atenção.

Entretanto, é importante salientar que a escolha por perfis distintos ainda parte do referencial de eu que o sujeito possui, ou seja, é a partir de si que ele busca o diferente.

Dessarte, lembrando o que disse Freud (2010), a atração por esse outro, pode revelar o que a própria pessoa gostaria de ser, ou que ela já foi e perdeu, na tentativa de resgatar a satisfação primária, já que “onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva” (p. 34).

Ainda para o autor supracitado, também ama-se conforme “a) a mulher nutriz; b) o homem protetor e a série de substitutos que deles derivaram” (p. 24). Isto evidencia a noção de amor com base em suas figuras parentais, ou, em outras palavras: a mãe que cuida e o pai que protege, sendo essa a direção na qual o sujeito segue em busca de seus objetos, procurando no outro características encontradas em seus pais. Sendo assim, é

comum ouvir de alguns casais queixas de que seus parceiros possuem os mesmos defeitos encontrados em seus pais, como se houvesse ocorrido uma falha na *matrix*, ou como se a escolha pelo parceiro tivesse sido completamente ao acaso. Enquanto às qualidades, estas pareciam denotar o “*match*” perfeito, e que ambos foram feitos um para o outro. Todavia, todo esse jogo evidencia apenas a escolha objetiva feita por eles mesmos, ainda que de forma inconsciente.

O eu, em sua tentativa de possuir aquilo que lhe falta e de atingir seu ideal, vai em busca daquela pessoa que ele acredita reter os atributos que julga necessário para sua completude egóica. O caminho percorrido é, como esperado, de volta ao narcisismo (FREUD, 2010), afinal de contas, ter alguém que conserve tais características é como obter algo indiretamente, e no fim, tem-se a equação resolvida, ainda que temporariamente. Freud chama esse movimento de “cura pelo amor”, caminho pelo qual os neuróticos percorrem mais frequentemente em relação às outras possibilidades, como por exemplo a “cura analítica”. Qual a melhor maneira de se satisfazer com algo que não se pode ter senão tendo alguém que o tenha?

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, foi possível notar alguns caminhos indicados pelos entrevistados sobre a presença do narcisismo na escolha dos perfis em aplicativos de relacionamentos. Eles demonstraram apoiar-se em seu narcisismo para procurar suas qualidades e valores no pretendente e assim desejá-los, em um movimento de autoamor; para imaginar como o outro deve ser a partir de sua própria imagem e referência de eu, além disso, houve a percepção da repetição de características na busca dos parceiros.

Os entrevistados demonstram terem a consciência dessas relações-espelho, ou relações líquidas, como chamou Bauman, quando relatam que buscam alguém com os mesmos interesses e características familiares, bem como quando dizem que ao se defrontar com uma imagem diferente da imaginada, o contato não tinha chances de continuar, o que pode indicar uma baixa capacidade para lidar com as frustrações do ego. Ou seja, aquele ser idealizado e imaginado pelo sujeito como seu par perfeito, continuará sendo buscado e talvez sem a percepção de que a busca está sendo por ele mesmo em seu período infantil narcísico.

Dentre os riscos desse modelo de relação, há que se ressaltar o comportamento de procura por aquilo que se parece com o que se vê, buscando sempre o conforto de sua

autoimagem em alguém que a valide. Todavia, é no encontro com o diferente que o ego se fortalece. É por meio de trocas, barganhas e concessões que se pode pensar em novos caminhos. O conflito gera novas possibilidades e o sujeito deverá encontrar uma maneira de resolvê-las da melhor maneira e para isso precisará realizar debates com opiniões distintas a sua. Está aí o desafio da vida em sociedade.

No entanto, não há como negar que os aplicativos de relacionamento são espaços férteis para procurar e realizar novas conexões, bem como uma oportunidade de estudo sobre os processos humanos que emergem do encontro com o outro, assunto que gera muito debate e é frequentemente uma das razões que levam os sujeitos à análise.

Além disso, o tema está bastante em alta e cada vez mais surgem novas possibilidades de plataformas e aplicativos que oferecem facilidades na hora da paquera, em que o usuário poderá aumentar suas chances de encontrar o par ideal. Com isso, também torna-se interessante o estudo sobre a mudança de comportamento que o surgimento dessas tecnologias pode gerar nos sujeitos e nas maneiras de se relacionar, bem como a realização de mais pesquisas que discorram sobre narcisismo e aplicativos de relacionamento, visto a carência do tema na literatura.

## Referências

- Araujo, M.G. (2010). Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise* – Aracaju – n. 34 – pp. 79-82. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 04 de fevereiro de 2022.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Côrtes, L. & Moura, C. (2015). O Amor Líquido Na Era do Tinder: Uma Análise Da Campanha Publicitária Do Ministério Da Saúde Sob A Ótica Baumaniana. Rio de Janeiro: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1472-1.pdf>. Acesso em 10 de abril de 2020.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In: *Obras Psicológicas Completas*, V. XII. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jorge, M.A.C. (2008). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*: Vol. 1: as bases conceituais. – 5.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Le Poulichet, S. O conceito de narcisismo. In: NASIO, J. D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Melo, M. & Toledo, M. (2012). A Cultura do Espetáculo: um estudo sobre a mídia e o incentivo ao consumo. Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1461-1.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2020.
- Minayo, M.C.S. (org). (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nascimento, S.R.M.B. (2014). O homem como “ser social e histórico”: contribuições da psicologia histórico cultural para a escolarização de alunos com deficiência intelectual. Florianópolis: *X ANPED SUL*. Disponível em: [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/293-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/293-0.pdf). Acesso em 3 de abril de 2020.
- Peruzzo, C.M.K. (2004). Webjornalismo: do hipertexto e da interatividade ao cidadão jornalista. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). *Jornalismo de referência*. Porto, Portugal: Figueirinha.
- QUINET, A. (2012). *Os Outros em Lacan*. Editora Zahar.
- RIOS, I. C. O amor nos tempos de narciso. (2008). *Rev INTERFACE - Comunicação, Saúde, Educação*. v. 12, n. 25, pp. 421-6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/kYk5fRB4XmhKkHXLjSsj46w/abstract/?lang=pt>. Acesso em 4 de fevereiro 2022.
- RODRIGUES, A. P. G., SILVEIRA, L. R., & CORREA, C. A. (2020). Internet, narcisismo e subjetividade: Reflexões sobre a constituição do sujeito na/pela rede social. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 18(1), 132–150. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/10337>. Acesso em 7 de fevereiro de 2022.